

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CURSO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
HUMANAS E DA SAÚDE**

CAMILA SIMÕES CRANWELL CORRÊA

TUDO OU NADA

**Características da identidade do Cazuza manifestadas através
de suas canções.**

BARUERI

2014

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CURSO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
HUMANAS E DA SAÚDE**

CAMILA SIMÕES CRANWELL CORRÊA

TUDO OU NADA

**Características da identidade do Cazuza manifestadas através
de suas canções.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para aprovação
da Faculdade de Psicologia Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Moreira

BARUERI

2014

CAMILA SIMÕES CRANWELL CORRÊA

TUDO OU NADA

**Características da identidade do Cazuza manifestadas através
de suas canções.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, como requisito para obtenção do título de Graduação em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Moreira

Data da entrega: 24/11/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Professora Cecília Pescatore Alves

Professor Paulo Roberto Moreira

Local: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
PUCSP

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo nessa empreitada de cinco anos. É com imenso prazer e com o coração transbordando de felicidade que encerro mais uma etapa de minha vida, para dar início a uma nova história. Agradeço do fundo do meu coração por ter pessoas maravilhosas, as quais a vida me presenteou. Agradeço a minha família, meus amigos, meu orientador professor Paulo Roberto, a professora Cecília Pescatore, que me auxiliou muito durante a realização deste trabalho.

**“Eu vou viver, vou sentir tudo
eu vou sofrer, eu vou amar demais.”**

Certo dia na cidade – Barão Vermelho

Resumo

Este trabalho envolve um estudo teórico sobre identidade, um levantamento biográfico da vida de Cazuza e uma análise de suas músicas, com o objetivo de identificar características da identidade do artista, através das manifestações dos diferentes personagens e suas possíveis transformações.

A identidade, de acordo com Ciampa, é compreendida como um processo contínuo, metamorfofoso, que assume a forma de personagens, se constituindo a partir da articulação entre os diferentes personagens. Essa articulação acontece a partir de uma dinâmica que envolve as relações sociais que se inserem os indivíduos, os processos biológico, a consciência, e a atividade, sempre em constante movimento.

Palavras chave: Identidade, Cazuza, Personagem, Metamorfose, Psicologia Social, Música, Canções.

Abstract

This work involves an academic study about the identity, biographical upon Cazusa's life and an analysis of his songs, with the aim of identifying the artist's identity characteristics, through the manifestations of different characters and their possible transformations.

The identity according to Ciampa and understood as a continuous process, metamorphosis, which takes the form of characters, constituting from the articulation between the different characters. This coordination happens from a dynamic that involves the social relations that fall within individuals, biological processes, consciousness, and the individual's activity always in constant motion.

Sumário

INTRODUÇÃO		9
JUSTIFICATIVA		12
OBJETIVO		12
METODOLOGIA		13
IDENTIDADE	14	
CAZUZA		21
ANÁLISE	37	
CONCLUSÃO		47
REFERÊNCIAS	49	
ANEXOS		

Índice de canções

Discografia

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de um sentimento que tenho pela música e pela Psicologia. Com intuito de unir essas duas áreas do conhecimento, surge este trabalho no qual pretendo tentar mostrar um pouco de Cazuzza, a partir do olhar da Psicologia Social, analisando algumas de suas obras escritas para verificar como essa manifestação de personagens compõe a identidade do artista como um todo.

Agenor Miranda de Araujo, mais conhecido como Cazuzza, nasceu no Rio de Janeiro em 4 de abril de 1958. Foi um compositor, artista, letrista e poeta da música brasileira. Cazuzza levou uma vida muito intensa, era polêmico, rebelde, boêmio, sedutor. Faleceu no dia 7 de Julho de 1990, vítima da AIDS, deixando diversas composições.

Como ouvinte, sua obra me atrai pela intensidade em que os sentimentos se fazem presentes e como ainda atinge diversas gerações com suas letras quase que “cuspidas”. Como estudante de Psicologia surge o grande interesse de conhecer o ser humano mais a fundo, identificando características dos personagens que formam a identidade Cazuzza. Para tanto farei uso dos estudos sobre identidade e dos pressupostos do autor Antonio da Costa Ciampa¹, assim como um levantamento biográfico do artista e uma leitura de suas canções sob o ponto de vista teórico.

A partir da concepção de homem enquanto ser ativo, social e histórico, Ciampa (Identidade: Psicologia Social o homem em movimento, 1994) propõe a identidade como um processo de metamorfose que se dá por meio da história do indivíduo em seu contexto social e histórico, estando sempre em de constante transformação. Em Cazuzza, esse processo se dá assumindo a forma de personagens que se relacionam nesse caráter dinâmico.

¹ Antonio da Costa Ciampa, Doutor pela PUC-SP. Iniciou sua carreira no magistério superior como professor de Psicologia Social na mesma universidade no ano de 1986, permanecendo até hoje como professor associado. Possui, livros artigos, capítulos de livros, trabalhos em anais de eventos e prefácios de livros. Sendo, seus estudos dedicados a categoria identidade.

Desta forma, na relação com outros homens, o indivíduo não comparece apenas como portador de um único papel, pois diversas combinações configuram uma identidade como totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una. Ao se apresentar frente a uma determinada pessoa, comporta-se de uma dada maneira, neste momento as “outras identidades” pressupostas estão ocultadas. (LAURETTI & BARROS, 2000)²

As autoras Laurenti & Barros (2000) ressaltam que a identidade se manifesta enquanto totalidade, não se resumindo à concretização de personagens. Estes são partes construtivas da identidade e ao mesmo tempo configuram-se como um todo.

Ciampa (1994) ressalta que os papéis sociais são encenados pelo indivíduo, convocam-no a uma re-posição de personagens, que ocorrem em um movimento de metamorfose, a partir das transformações que marcam a singularidade do indivíduo ou, se não há autonomia e criação de si por parte do indivíduo, torna-se uma experiência da mesmice, da repetição de si mesmo, revelando-se uma não-metamorfose.

Essa identidade que surge como representação do meu estar sendo se converte num pressuposto de meu ser (como totalidade), o que formalmente, transforma minha identidade concreta (entendida como um dar-se numa sucessão temporal) em identidade abstrata num dado atemporal – sempre presente (entendida como identidade de pressuposta resposta). (CIAMPA, 1994 p.69)

Isso ocorre porque compareço perante outrem como representante de mim-mesmo a partir dessa pressuposição de identidade – que se encarna como uma parte de mim como totalidade. Essa identidade pressuposta não é uma simples imagem mental de mim-mesmo, pois ela se configurou na relação com outrem que também me identifica como idêntico a mim-mesmo; desse modo, ao me objetificar (e ser objetificado por outrem) pelo caráter atemporal formalmente atribuído à minha identidade, o que estou sendo como parte surge como encarnação da totalidade de mim (seja para mim, seja para outrem); isso confunde meu comparecimento frente a outrem (em como representante de mim) com a expressão da totalidade do meu ser (de mim como representado). (CIAMPA, 1994 p.69)

²Artigo publicado para PSI-Revista de Psicologia Social Institucional. Identidade: questões conceituais e contextuais por Carolina Laurenti e Mari Nilza Ferrari de Barros. Londrina, 2000.
<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>

No primeiro momento o nome próprio difere o indivíduo dos demais, e o seu sobrenome o iguala aos demais indivíduos do seu grupo familiar. De modo que identidade é articulação de igualdade e diferença. (Ciampa 2005)

A igualdade é expressa na história social compartilhada pela família, grupo social, localização geográfica, condições econômica, culturais. A diferença pode ser entendida como a constituição da singularidade, a transformação da significação social em sentido pessoal; e isso se dá pela atividade, através da concretização de personagens. É nesse processo de externalização (atividade humana) que a sociedade chega a se constituir como produto humano. (LAURENTI & BARROS, 2000)

De modo que a identidade é composta pela articulação dos vários personagens, que encenam os diferentes papéis sociais que são atribuídos ao longo da vida.

A identidade, que inicialmente assume a forma de um nome próprio, vai adotando outras formas de predicação, como papéis, especialmente. Porém, a forma personagem expressa melhor isso na sua generalidade. Um nome, efetivamente, nomeia um personagem. (...) (CIAMPA, p.139 p.3)

A partir da leitura de suas músicas e do levantamento biográfico do artista, apresentarei características da identidade do Cazuzza, através da manifestação de alguns personagens e como eles se relacionam no contínuo processo de metamorfose.

No início de sua carreira temos o Cazuzza boêmio, sofredor, da noite. Dando lugar a um personagem mais romântico mas também agressivo, gerando amor e dor, contraditório. Mostra-se também o personagem crítico que demonstra seu descontentamento. Posteriormente o personagem busca um sentido para continuar vivendo.

Em suas letras Cazuzza fala por nós, pois nos identificamos com elas para diversos momentos de nossas vidas. Essas letras falam de uma realidade, de um tempo, de sofrimento, de indignação, de amor, de esperança. São diversas temáticas que as músicas carregam e me atentei a algumas delas, observando-as, não necessariamente inteiras, mas estrofes, durante o período de produção do artista entre 1981/1982 -1989.

1.1 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho tem como foco um estudo sobre identidade. A partir das letras de músicas de Cazuza identificarei e apresentarei características da identidade a partir do trabalho e da vida de Cazuza, por meio da manifestação de personagens e suas transformações presentes em sua obra e sua vida.

Através do levantamento teórico, a identidade será compreendida como um processo contínuo, no qual o indivíduo é visto como ativo e transformador, e que embora seja uma totalidade, irá se manifestar como parte de sua existência, um desdobramento das múltiplas determinações as quais o indivíduo está sujeito, sendo o que comparece frente aos outros, com todas as determinações que fazem dele um indivíduo concreto.

A identidade assume a forma de personagens que serão transformados em meio às relações sociais, de modo que sua manifestação será vista como parte da identidade do indivíduo.

1.2 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é identificar, a partir das canções de Agenor Miranda de Araujo, conhecido como Cazuza, características de sua identidade, a manifestação dos personagens em seu contínuo processo de transformação, por meio da análise das letras de música do artista que demonstram uma constante metamorfose, tal como sua vida.

Essa, a articulação desses vários personagens, representada por indivíduos que, ao mesmo tempo, escrevem e encenam suas histórias ao interpretarem papéis sociais.

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa teórica, que recorre à Psicologia Social, onde o autor Antonio da Costa Ciampa formula sua teoria de identidade. O intuito é de realizar um estudo sobre características da identidade do Cazuza a partir de alguns personagens que são manifestados nas letras de suas músicas. Para isso será realizado um levantamento teórico sobre identidade a partir da proposta do autor Ciampa da Psicologia Social, um levantamento biográfico de Cazuza, e uma análise e discussão das canções identificando características de personagens e suas transformações.

Recorrendo apenas aos pressupostos do autor, pois este apresenta uma ampla discussão e questionamentos frente à categoria identidade, de forma eficiente para os objetivos desta pesquisa.

Em primeiro lugar, será feito um levantamento teórico sobre identidade, baseado nos conceitos da Psicologia social, presentes na obra de Ciampa

A seguir, será feito levantamento histórico da vida e da obra do artista Agenor Miranda de Araujo, Cazuza. Em conclusão, será apresentada uma caracterização e discussão dos personagens que se manifestam nas músicas e como eles se relacionam em um processo de metamorfose, compondo a identidade como um todo.

3. IDENTIDADE

De acordo com Lane³ (1994) o Positivismo, ao tratar das questões da subjetividade, perdeu um caráter do indivíduo como produto e produtor da História, de modo que se tornou necessário recuperar o subjetivismo enquanto matéria da Psicologia.

A dualidade físico x psíquico implica a concepção idealista do ser humano, na velha tradição animística da psicologia, ou então caímos num organicismo onde homem e computador são imagens e semelhança um do outro. (LANE, 2004, p. 15)

De modo que a autora vai dizer que se torna necessário uma nova dimensão espaço-temporal para dar conta da complexidade do ser humano, como ser concreto, uma manifestação de uma totalidade histórico-social, sendo necessária uma psicologia social que partisse da materialidade histórica produtora de homens e produzida por eles, atendendo à realidade social e acotidiano de cada indivíduo, tal como intervindo nas relações sociais que definem cada indivíduo, a considerar a imbricação entre as relações grupais, linguagem, pensamento e ações nas características fundamentais para análise psicossocial.

Assim a atividade implica nas ações encadeadas, junto com outros indivíduos, para a satisfação de uma necessidade comum. Para haver esse encadeamento é necessária a comunicação (linguagem) assim como um plano de ação (pensamento) que por sua vez decorre de atividades anteriormente desenvolvidas. (LANE, 1994. p.16)

Refletir sobre uma atividade realizada implica repensar suas ações, ter consciência de si mesmo e dos outros envolvidos, refletir sobre os sentidos pessoais atribuídos as palavras, confronta-las com as consequências geradas pela atividade desenvolvida pelo grupo social, e nesta reflexão se processa a consciência do indivíduo, que é indissociável enquanto de si e do social. (LANE, 1994. p.17)

Lane vai dizer que a análise do processo grupal permite captar a dialética indivíduo - grupo.

³ Silvia Tatiane Maurer Lane: A psicologia social e uma nova concepção de homem para psicologia: Psicologia social o homem em movimento, São Paulo 1994

A consciência da reprodução ideológica inerente aos papéis socialmente definidos permite aos indivíduos no grupo superarem suas individualidades e se conscientizarem das condições históricas comuns aos membros do grupo, levando-os a um processo de identificação e de atividades conjuntas que caracterizam o grupo como unidade. Este processo pode ocorrer individualmente e constataríamos o desenvolvimento de uma consciência e si idêntica à consciência do social. Na medida em que o processo grupal, ou seja, ocorre com todos os membros ele tende a caracterizar o desenvolvimento de uma consciência de classe, quando o grupo se percebe inserido no processo de produção material de sua vida e percebe as contradições geradas historicamente. Levando-o a atividades que visam à superação das contradições presentes no seu cotidiano, torna-se um grupo-sujeito da transformação histórico-social. (LANE, 1994 p. 17)

Assim, a dialética indivíduo - grupo está onde a dupla negação caracteriza a superação da contradição existente quando o indivíduo e grupo se tornam agentes da história social, membros indissociáveis da totalidade histórica que os produziu e a qual eles transformam por suas atividades também indissociáveis.

As ressaltas feitas pela autora, trazem uma concepção de homem para psicologia de um ser: ativo, social e histórico, produto e produtor da história, ativo no sentido de ser transformado e transformador, produto das relações inseridas, sendo estudada a partir do contexto o qual foi produzido, internalizando ideias e valores. Os fenômenos sociais são compreendidos via linguagem a partir de trocas simbióticas entre os indivíduos.

Através da concepção de um ser humano, ativo, social e histórico Ciampa(1994) propõe a identidade como um processo contínuo e metamorfósico pois o indivíduo é ativo e transformador do ambiente a medida que se transforma por meio da relações estando sempre em metamorfose, ou seja em continuo processo de construção e transformação por meio da igualdade e da diferença que se constitui nos grupos sociais.

Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações que estou sujeito. Quando estou frente ao meu filho, relaciono-me como pai; como meu pai; como filho; e assim por diante. Contudo meu filho não me vê apenas como pai, nem meu pai apenas me vê como filho; nem eu compareço frente aos outros apenas como portador de um único papel, mas sim como representante de mim, como todas minhas determinações que me tornam um indivíduo concreto.

Desta forma, estabelece-se uma intrincada rede de representações que permeia todas as relações, onde cada identidade reflete outra identidade, desaparecendo qualquer possibilidade de se estabelecer um fundamento originário para cada uma delas. (CIAMPA, 1994, p.67)

Com esse pensamento, Ciampa (1994) pressupõe todo e qualquer tipo de relação onde o ser humano está inserido, é-lhe atribuída uma identidade, sendo esta transformada a partir das relações vivenciadas ao longo da vida, moldando o indivíduo.

Este jogo de reflexões múltiplas que estrutura as relações sociais é mantida pela atividade dos indivíduos, de tal forma que é lícito dizer-se que as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social, ao mesmo tempo que reagem sobre ela conservando-a ou a transformando. (CIAMPA, 1994, p.67)

Em meio às relações se dão as experiências, que são tidas como marcos para constituição. Essas experiências também se correlacionam com experiências passadas e com as futuras, o ser humano se relaciona nessa esfera tridimensional, pois, no presente ele é o que foi no passado, e posteriormente no futuro ele vai ser o que está sendo no presente. Um exemplo: um ex-viciado em drogas, no presente é um ex-viciado, já não é mais diretamente um viciado, mas o fato de ele no passado ter sido um viciado, implica no presente ele estar sendo um ex-viciado. Para isso Ciampa (2005) parte do princípio de que o ser humano é matéria e como matéria está em constante transformação, permitindo expressar a condição da plasticidade, entendida como capacidade de projetar mundos, ou seja, o devir da identidade. Em função dessa plasticidade, o homem pode negar o seu passado no futuro mediante condições objetivamente dadas. O indivíduo pode negar aquilo que lhe negam (lei da negação da negação), criando condições objetivas para se transformar. Sendo o indivíduo visto como relação e não isolado, sendo atividade e relação com o outro que a determina e a nega.

Ou seja: só posso comparecer no mundo frente a outrem efetivamente como representante do meu ser real quando ocorrer a negação da negação, entendida como deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores – deixar de repor uma identidade pressuposta – ser movimento, ser processo, ou, para utilizar uma palavra mais sugestiva se bem que polemica, ser

metamorfose.(CIAMPA, 1994 p.70)

De acordo com o Ciampa (2004) em primeiro momento a identidade é vista como uma característica estática que irá definir o ser, muitas vezes representada pelo nome próprio, ao nascer em uma determinada família. Ao atribuir o nome de João para seu filho, João só está sendo João, pois em meio às relações onde nasceu lhe foi atribuído esse nome.

Esse nome de primeiro momento distingue os indivíduos, os reconhece, confunde, une e assimila de modo que a identidade se confunde com o nome, e nele estão a diferença e a igualdade. O primeiro grupo social o qual o indivíduo faz parte é a família essa se iguala no sobrenome, ao passo que na família Silva todos se igualam por serem Silvas, mas se diferenciam no primeiro nome.

De acordo com Ciampa (1994) o nome não é a identidade; enquanto substantivo não revela a identidade, mas apenas parte dela. O substantivo é algo que nomeia o ser, e para isso é necessário uma atividade: o nomear. Logo, a identidade não é substantivo, é verbo; identidade é atividade.

Faz-se entender que a igualdade é expressa na história social compartilhada entre famílias, determinados grupos, culturas, etc. Enquanto que a diferença é expressa como constituição da singularidade, transformando aquilo de âmbito da significação social em sentido pessoal. (Laurenti e Barros, 2000) Para muitos, a identidade se confunde com o nome e nela estão a diferença (pré-nome) e a igualdade (sobrenome). O processo de identificação no grupo social. O primeiro grupo social é a família na qual as duas dimensões da identidade começam a se constituir-igualdade (sobrenome) e diferença (pré-nome).

Esta claro que o nome não é a identidade; é uma representação dela. Posso representá-la de outras formas além de nomes próprios; recém-nascido, o filho do fulano, etc.(CIAMPA, 2005, p. 132)

Assim, a identidade é representada de diversas formas sendo o nome próprio uma delas e podendo ser a primeira forma de representação dessa identidade.

Ao dar nome a alguém, ao chamar alguém de uma maneira,

torno esse alguém determinado. Isso porem pode me fazer esquecer o momento anterior que esse alguém tornou presente para mim, separando-se como um objeto para minha consciência: ele nasceu então ele é nascido. A manifestação do ser sempre é uma atividade; neste exemplo; nascer (só depois ele é nascido). (CIAMPA, 2005, p. 132)

Notamos uma característica comum a esses aspectos: toda representação da identidade do individuo é representada na ação: João é filho do Fulano, ao passo que também é primo da Maria, morador de uma determinada cidade e assim por diante.

O que pode ser percebido é que qualquer predicação é predicação de uma atividade anterior, genericamente de uma presentificação do ser. (CIAMPA, 2005, p. 133)

O autor diz que, no primeiro momento, a identidade se assume em forma de nome próprio e vai adotando outras formas de predicções, como papéis, mas a forma personagem expressa melhor isso na sua generalidade. Um papel designa um personagem, papel é do âmbito conhecido, o personagem é quem quer ser conhecido. De modo que a identidade então assume a forma de personagem sendo essa, a articulação desses vários personagens representada por indivíduos que, ao mesmo tempo, escrevem e encenam suas histórias ao interpretar papéis sociais.

Os personagens ganham vida no desempenho de seus papéis, surgindo assim à possibilidade de caracterizá-los e detectá-los, mesmo nos diversos tempos cronológicos. (ALVES⁴, 1997 p.24)

A identidade, segundo Ciampa, pode ser expressa na ideia de um ator que encarna personagens que, tendo recebido um nome e predicados que o designam inicialmente, ao longo da representação de seus papéis sociais, vai escrevendo sua história. De modo que a manifestação do ser é sempre uma atividade. Embora a identidade possa ter a aparência de traços estáticos que definem o ser, algo, portanto que “substantiva” o ser, percebemos que no ato

⁴ Cecília Pescatore Alves. Quem sou eu? O processo de identidade de uma jovem adolescente. Taubaté-SP. 1997.

de representação de papéis este substantivar-se é uma atividade, ou seja, “o indivíduo é o que faz, uma personagem ativa, traduzível por proposições verbais”. (CIAMPA, 2005, p.133).

Sobre os papéis sociais o autor ressalta que são encenados pelo indivíduo e convocam-no a uma constante re-posição de personagens, que pode ocorrer em um movimento de metamorfose, com transformações que marcam a singularidade do indivíduo, ou pode também se revelar em uma não-metamorfose, quando não há autonomia e criação de si por parte do indivíduo, tornando-se uma experiência de mesmice, a repetição de si mesmo. Para SOUZA⁵,

A igualdade e a diferença marcam o pertencimento a determinados grupos identificatórios e acessos restritos a outros, em sistemas classificatórios que organizam as relações entre o “nós” e o “outro”. Verifica-se aí o papel simbólico da diferença, que faz parte do fenômeno identidade, determinando a exclusão e a inclusão sociais, a partir de aspectos como raça, etnia e gênero. (SOUZA, 2009)

E ainda, para o autor,

Cada indivíduo tem características que o identificam como sempre idêntico a si mesmo (e diferente dos demais) e outras que revelam a possibilidade de igualdade aos outros. Mas o indivíduo insere-se também em uma identidade coletiva, construída historicamente em um conjunto de características que marcam um grupo social, apresentando-o como idêntico a si mesmo e diferente dos outros grupos, e outras características que, ao longo do tempo, diferenciam os membros entre si, levando ao aparecimento de subgrupos. Essa dinâmica de constituição da identidade envolve os papéis prescritos ao indivíduo pelos grupos sociais, como já discutido anteriormente na perspectiva de Goffman. Em cada papel social que é interpretado pelo indivíduo, há uma reposição de uma identidade coletiva pressuposta. No entanto, em um processo simultâneo, o indivíduo compõe sua identidade individual, marcada por suas singularidades. (SOUZA, 2009)

De modo que o autor vai compreender que a construção da identidade por meio de uma dinâmica que envolve os processos biológicos, a consciência

⁵ Ana Maria Melo e Souza. Ritual Identidade e Metamorfose, representações do Kunumi Pepy entre os índios Kaiowá da aldeia Panambizinho. Dourados- MS, 2009.

e atividade do indivíduo, e as relações entre os indivíduos e os grupos, estando sempre em constante movimento envolvendo relações de oposição e composição entre subjetividade e coletividade.

4.CAZUZA

Neste capítulo será abordado à trajetória de vida de Cazuzza. Utilizando como fonte sua biografia: "Só as mãe são felizes" depoimento de sua mãe Lúcia Araujo à jornalista Regina Echeverria. Também será utilizado como fonte, outro livro de sua mãe, em depoimento a jornalista, chamado "Preciso Dizer Que Te Amo": Todas as letras do poeta.

Agenor Miranda de Araujo Neto, nada conhecido por esse nome, artista, músico poeta, compositor, letrista, cantor, uma voz que ultrapassa as barreiras do tempo.

Nasci no Rio de Janeiro, fruto do amor verdadeiro de uma cristã e um cristão, num apezinho maneiro, cresci vendo Tarcisio Meira meu pai na televisão, fui na infância um cordeiro até descobrir no banheiro que eu estava na contramão, daí sartei fora sem freio, me estrepe mas to sempre inteiro e sou bem feliz, meu irmão! (CAZUZA,2001 p.8).

Cazuzza nasceu no dia 4 de abril do ano de 1958, na cidade do Rio de Janeiro, filho de João Araújo na época divulgador de uma gravadora e de Maria Lúcia Araújo. Cazuzza não teve irmãos, sendo filho único.

Eu acho ótimo ser filho único, porque isso quer dizer apenas amor de mais. Eu acho bom. O que atrapalha é falta de amor. Não vejo o lance da super proteção eu sempre fui muito bem comportado até a adolescência. "Tipo o neto preferido da vovó", sabe? Depois pintou o lance da rebeldia, fui expulso do Colégio Santo Inácio, fui fazer zona na rua, transar, drogas, fugir pra Mauá. Rasgava roupa para andar rasgado. Minha mãe desesperada. Aí quando acabava o dinheiro tava eu de volta. Mas eles meu pai e minha mãe, sempre foram incríveis comigo. Meu pai deu sempre a maior foga pras loucuras que eu quis fazer. Sempre esteve ao meu lado. Dizia: você vai quebrar a cabeça, mas faz o que você quiser. (CAZUZA, 2010 p.353)

Cazuzza viveu sua infância em Ipanema, sempre freqüentou a praia, e terminou o ensino fundamental e o médio com muito sacrifício de sua parte. Ele se dizia até que bem comportado durante a infância, sua mãe conta "Cazuzza foi um garotinho tímido, mas arteiro. Sua atração por brincadeiras perigosas desafiava limites". (ARAUJO, 2010 p.65)

Cazuza desenvolveu uma sinceridade tão escancarada que, muitas vezes nos colocou em situações constrangedoras, essa tendência a falar o que lhe passava pela cabeça sem medir as palavras e de dizer frases chocantes o acompanhou até o fim da vida.(ARAUJO, 2010 p.69)

Como seu pai trabalhava em uma gravadora, Cazuza sempre conviveu no meio artístico.

"Desde novo perseguia Caetano, Gil, nos bastidores de shows, nas festas na praia. Gostava de sentar ao lado deles só pra ouvi-los falar". (CAZUZA, 2010 p.355)

Sempre fui tiete de todo pessoal da MPB, Elis Regina sempre tava lá em casa. Eu acordava de noite para tomar água, e lá estavam na sala, o Gil o Caetano, a Gal, a música popular brasileira inteira me pegando no colo. Os Novos Baianos acamparam lá em casa, dormiam, iam comer, porque na época eram fodidos, e não tinham onde ficar, e meu pai estava produzindo o primeiro disco deles. Só fui curtir rock, Janis Joplin, meus ídolos dos Rolling Stones, lá pelos 14 anos, quando dei uma pirada. Quando comecei a compor acabei misturando tudo isso. Do menino passarinho com vontade de voar (Luiz Vieira) a Janis Joplin. Mas com uma diferença. A dor-de-cotovelo da MPB, mas dando a volta por cima. (...). (CAZUZA, 2010 p.355)

Araujo relata que Cazuza era muito inteligente, tinha grande imaginação para contar histórias, criava famílias inteiras e um destino para cada um de seus personagens, desquites, mortes traições, bigamias. Veio a despertar interesse por geografia, seus colegas o procuravam para tirar dúvidas sobre a cultura dos países, populações e capitais. Segundo a mesma, Cazuza veio a se interessar por arquitetura e urbanismo, criava cidades com madeira e caixas de fósforos e também todo seu funcionamento relembra que ele criava metrópoles imaginárias, com população definida, renda per capita e seu cotidiano. Como já foi mencionado nunca foi de muito fã das regras, e é na adolescência isso se manifestava de forma mais recorrente.

Conta que foi com grande sacrifício que o matriculou em um colégio renomado no Rio de Janeiro, que mais tarde Cazuza veio a ser expulso para não perder o ano letivo. A partir daí Araujo relembra que Cazuza nunca mais se deu bem nos estudos, trocava de colégio a cada ano, fazia matrícula, e ao

iniciar curso se desinteressava vindo perder o ano letivo por faltas. Veio a terminar o ensino médio através de um supletivo.

Como relembra Araujo, em 1970 quando se mudaram para o baixo Leblon Cazuzza passou a ser incontrolável, o jovem saía todas as noites sem dizer aonde ia e que horas iria voltar, “a madrugada virou companheira de meu filho”. E era durante as madrugadas que também vinham as preocupações de seus pais. Foram diversas situações onde ele recorreu a seus pais para se livrar de apuros, como prisões e fichas na polícia.

Parecia que Cazuzza queria recuperar o tempo perdido em que foi um bom menino o preferido da(s) vovó(s). O temperamento rebelde e endiabrado, dava lugar com o personagem engraçado, essa era sua maior contradição, mas quando queria alguma coisa era impossível resistir aos seus apelos, Cazuzza já havia caído na vida por sua conta e risco. (ARAUJO, 2010 p.93)

Tudo a noite é mais interessante. Gosto de sair de correr de carro em qualquer dessas freeways da zona sul, de estar com os amigos, de dançar. (...) (CAZUZA, 2010 p.383)

Nesse período, relata Araujo, que Cazuzza iniciou seus primeiros contatos com as drogas. Vivendo no baixo Leblon tinha contato direto principalmente com o álcool. Quando ele tinha 15 anos, Lucinha desconfiou que Cazuzza escondesse algo, foi quando achou um embrulho que continha maconha, a mãe diz que ficou desesperada contando para João, seu marido, que conversou com o filho o alertando.

Sensível e rebelde. Carinhoso e desafiador uma personalidade sedutora e controvertida se delineou no adolescente. Um tanto quanto sedutor, Cazuzza parecia conseguir tudo que queria tinha seus momentos encantadores, e bem humorados. (ARAUJO, 2010 p.105)

Eu tenho vários lados. O lado escuro é um lado muito forte, porque sou muito boêmio, vivo muito de noite. Gosto muito da noite, acho que ela é um espaço, um território livre para tudo. Não sei... a noite é muito dramática, muito bonita. As pessoas que saem a noite procuram algo que não vão encontrar, mas elas curtem a procura daquele papo furado. Gosto muito de sol, e também de praia. (CAZUZA, 2010 p.363)

Seu lado rebelde causou grandes conflitos familiares, as discussões eram recorrentes, lembra Araujo, levando Cazuzza muitas vezes a sair de casa. Seu temperamento explosivo, exagerado, era tudo ou nada. Por outro lado

Lúcia se mostra bastante invasiva, e se mostrava com certa dificuldade de lidar com jeito de Cazuzza. Muitas vezes o repreendia, controlava, mexia nas coisas dele a fim de descobrir mais sobre o filho, mas também acabava por ceder já que a mesma diz que não resistia aos encantos dele.

Em um desses episódios onde saia a revirar as coisas do filho relembra:

Há algum tempo havia notado um comportamento estranho, andavam com um pessoal esquisito, e eu cada vez mais desconfiada. O hábito invasivo de remexer em suas coisas me levou então a encontrar uma carta de meu filho escrita para um amigo. Uma carta excessivamente carinhosa. (ARAUJO, 2010p.107)

Sempre foi polêmico quando questionado sobre sua sexualidade, se relacionava com homens e mulheres. Quando questionado por sua mãe se era homossexual, disse:

Olha mamãe eu não sou nem uma coisa nem outra. Você pode dizer que eu sou bissexual, porque não fiz minha escolha ainda. Um dia posso gostar de homem como, no outro de uma mulher. Então não fique preocupada. (CAZUZA, 2010 p.108)

Posteriormente em entrevista Cazuzza começou a dizer que era bissexual. “Transo. Com homem, com mulher, não tem o menor problema. Namoro muito, sou ciumento, nesse ponto sou muito careta.”. (CAZUZA, 2010, p.353,05)

Prestou vestibular para comunicação, já que seu pai o tinha prometido um carro, e relembra:

Eu fiz vestibular para comunicação porque meu pai tinha me prometido um carro, sempre fui tarado por carro com 14 anos pegava o do meu pai. Os guardas pegavam tinham que dar a grana, já era freguês... Bom então fiz o vestibular, passei e desisti na terceira semana. (CAZUZA, 2010 p.354)

João Araujo, seu pai, perguntou o porquê dessa atitude e Cazuzza disse “Você me disse que daria um carro se eu entrasse na faculdade, não falou nada sobre cursar”. (CAZUZA, 2010 p.112)

Com isso seu pai arrumou para ele uma vaga na Som Livre, no departamento de imprensa. Cazuzza passou a morar sozinho, trabalhou lá cerca

de dois anos, quando interrompeu o trabalho para estudar fotografia em São Francisco.

Quando trabalhava na som livre e o Guto Graça Mello disse que queria me dar um cargo novo, não acreditei. Afinal, filho de diretor tem que subir na vida, disse ele. Foi meu primeiro parafuso. Me vi fechado em um escritório para o resto da vida, feito meu pai. Disse que preferia até ser um mendigo de rua, mas nunca executivo. Pedi uma passagem para os Estados Unidos e me mandei. Senão me jogaria pela janela. (CAZUZA, 2010 p.117)

Em abril de 1979 embarcou para São Francisco matriculado em curso de fotografia e artes plásticas. Sua estadia no exterior durou sete meses.

Quando retornou ao Brasil conseguiu emprego na gravadora RGE como fotógrafo free-lance, onde permaneceu por seis meses. Nessa época conheceu Ney Matogrosso por uma amiga em comum.

Em 1981 começou a freqüentar grupos de teatro esubiu no palco para apresentar uma paródia de Noviça Rebelde, onde Cazuzza cantou a música “Odara” de Caetano Veloso. Tal atitude gerou uma reação de espantou em sua mãe que conta que ficou perplexa.

Foi uma descoberta e tanto para mim embora criado num ambiente musical Cazuzza já mais havia demonstrado em casa seus dotes de cantor. (ARAUJO, 2010 p.143)

Foi a primeira vez que Cazuzza mostrou esse seu lado. Nesse mesmo ano entrou para uma banda de rock chamada Barão Vermelho, por meio de seu amigo Léo Jaime, que apresentou Cazuzza para a banda. Tinha 22 anos quando conheceu seus futuros companheiros de banda, Roberto Frejat, Mauricio Barros, Guto, e André Cunha, em uma garagem em Rio Comprido onde se tornou o local de ensaio da banda. O Barão surgiu com objetivo de se apresentar na feira da providência, segundo Araujo, em novembro de 1981, a mesma ainda conta que:

Infelizmente na hora H o sistema de som pifou, o P.A. não funcionou e o show não aconteceu. Mas os garotos embora frustrados, resolveram continuar tentando. (ARAUJO, 2010 p.148)

Então quando descobri o rock, descobri minha tribo: ali eu ia ser aceito! E rock pra mim não é só musica, é atitude mesmo, é

o novo! Quem coisa mais nova que o rock? O rock é fervilha, é uma coisa que nunca pode parar. O rock não é uma lagoa, é um rio. O rock é a vingança dos escravos. É porque não é pra ser ouvido. (...) (CAZUZA, 2010 p.361)

A esperada estréia do Barão, enfim, acabou acontecendo num condomínio na Barra da Tijuca, O Riviera Dei Fiori. O show foi montado no playground e durante a apresentação quase morri de vergonha. No palco, Cazuzza de porre e com o zíper da calça enguiçado. (ARAUJO, 2010 p.149)

Frejat conta um pouco como foi:

O show estava demorando muito a começar. Eu tinha levado uns baseados, a gente fumou, e, além disso, Cazuzza bebeu. Nunca tínhamos visto como ele se comportava de porre. E estava completamente descabelado e bêbado. Entrou no palco, abaixou as calças, colocou o microfone no pau. Foi aquela baixaria. Nada do que tínhamos combinado aconteceu. Naquele dia ele estava nervoso porque sua mãe tinha isso assistir ao show. Ele tinha medo de parecer careta, morria de medo (FREJAT, 2010 p.149)

Araujo conta que o Barão passou a se apresentar em quase todos os lugares disponíveis do Rio de Janeiro e resolveram gravar uma fita demo, bem amadora, produzida na garagem em Rio Comprido. Relembra que essa fita foi parar na mão do empresário Leonardo Netto devido a uma conversa que teve com Cazuzza onde informou sobre novos projetos.

Na conversa que tivemos naquela noite Cazuzza disse que queria muito gravar e que precisava me entregar a fita que havia gravado com o barão vermelho. Tudo bem, lhe disse, passe lá em casa e realmente ele foi alguns dias depois. Lembro de me falar de cada uma das músicas e de pedir desculpas pela má qualidade da gravação. (NETTO, 2010 p.152)

Foi nessa mesma noite como conta Araujo quatro amigos ouviram juntos a fita do Barão pela primeira vez, o técnico de som e cenógrafo Walter Baldinato, a jornalista Regina Echeverria, o crítico musical, também jornalista e produtor musical Ezequiel Neves, o Zeca, além de Leonardo Netto

Ficamos todos bastante impressionados com as letras das músicas do Barão. Tinha muita coisa escrita em português errado, mas uma linguagem totalmente moderna, atualíssima, falando de garotada, dor de corno. Lembro que liguei para Lucinha e lhe disse: recebi uma fita de um grupo em que seu filho é vocalista. Quem é que escreve as letras? Ela me respondeu: é o meu filho! Então eu disse: Lucinha prepare-se porque seu filho é genial. (NEVES, 2010 p.153)

Araujo conta que ficou bastante emocionada ao ouvir isso, e foi dar a notícia para Cazuzza que ficou em estado de choque, pois admirava Ezequiel Neves, e este estava pronto para ajudá-los. Seu pai não ficou muito contente.

Quando Guto Graça Mello e Zeca Neves entraram em minha sala com a fita do grupo em mãos dizendo que queriam gravar de qualquer jeito, eu disse não há hipóteses, eu não vou gravar com o Cazuzza e nem o Cazuzza vai querer gravar comigo! Se não der certo vão dizer que eu lancei só porque é meu filho. A situação é muito desconfortável. Não gosto de favoritismo. Mas se formou um rolo compressor em torno de mim, de uma maneira que não pude resistir. Acabamos encontrando uma solução – o disco do Barão sairia pelo selo Opus, dirigido por Heleno de Oliveira. (ARAUJO, 2010 p.156)

O primeiro LP do grupo como relembra Araujo foi gravado nos estúdios da Som Livre nos dias 15,16,22 e 23 de maio de 1982, com o título de *Barão Vermelho*.

De lá cazuzza me ligava para pedir que mandasse lanche para a turma toda, e é claro, uma garrafa de uísque, que ele se encarregava de esvaziar, junto com o Zeca. Os meninos do Barão estavam começando a conhecer o temperamento de meu filho. (ARAUJO, 2010 p.157)

O disco foi lançado no dia 27 de novembro do mesmo ano.

O grupo passou a existir, mas a vedagem foi bastante tímida, apenas 8 mil cópias como relembra:

Em janeiro de 1983 assinaram contrato e finalmente o Barão Vermelho começaria a entrar num esquema regular de apresentações. No começo faziam até show de play-back no subúrbio e ganhavam o suficiente para o “uísque de Cazuzza”, como gostavam de brincar. Abriram um show para o grupo A cor do som, se apresentaram no morro da Urca, mas em sua primeira viagem conheceram o fracasso de perto: 14 pagantes na platéia do Clube Leopoldina Juvenil, em Porto Alegre. No show de Brasília, em seguida, foi uma consagração. Eles se apresentaram em um evento de MotoCross e depois do show, Cazuzza deu seu primeiro autógrafa na carreira. (ARAUJO, 2010 p.166)

Ainda sobre o possível “fracasso”:

Nem mesmo com todo apoio da mídia, o disco do Barão conseguiu emplacar e, para incompreensão de todos, não tocava nas rádios. Foi quando eles começaram a preparar o novo disco. (ARAUJO, 2010 p.166)

O segundo LP do Barão foi produzido entre Abril e Junho de 1983, teve o nome de *Barão Vermelho 2*. Entre as músicas estava *Pro dia nascer feliz* parceria de Cazuza e Frejat, Cazuza sempre encarregado da letra e Frejat da melodia como lembra:

A gente acendia um baseado e ia pra praia. No fim da noite Cazuza me dava uma letra, ou uma idéia de letra eu ia trabalhar a melodia. No dia seguinte, eu o acordava pelo telefone, ou ia para casa dele e mostrava ao violão o que tinha feito. Era uma rotina meio trabalho meio férias. (FREJAT, 2001 p.38)

A noite é uma opção de vida. Gosto de acordar tarde e dormir com o sol nascendo. Por isso, *Pro dia nascer feliz* é a historia da minha vida. “O Ney chegou lá em casa tocou a campainha, a empregada atendeu, me acordou, dizendo:” O Ney Matogrosso está aí”. Eu resmunguei: “ Ah, traz a Gal Costa também” e continuei dormindo. O Ney foi ao meu quarto, começou a bater na minha cara, nós temos intimidade para isso, gritando para eu acordar e ganhar dinheiro. Ele ouviu o disco (*Barão Vermelho 2*) e resolveu gravar *Pro dia nascer feliz*. Eu disse: “Não, pelo amor de Deus, é a nossa música de trabalho, grava outra”. Ele bateu o pé. E acabou sendo nossa fada-madrinha. Ney provou que o Barão é viável, gravou o mesmo arranjo, discutiu com a gravadora, que não queria botar essa música de trabalho no disco dele, e soltou na rua. (CAZUZA, 2001 p.60)

Dois artistas serviram de passaporte para a estrada do sucesso do grupo, o primeiro foi Ney Matogrosso que gravou a música *Pro Dia Nascer Feliz* em 1983, e Caetano Veloso que no mesmo ano subiu aos palcos e cantou *Todo Amor que Houver Nessa Vida*, canção de Cazuza

O terceiro disco do Barão saiu no finalzinho de 1984 à gravação de Ney Matogrosso de *Pro Dia Nascer feliz* funcionou como uma bomba propulsora e, logo em março de 1985, o Barão Vermelho emplacava outro grande hit nas rádios do Brasil: *Bete Balanço*, música feita sob encomenda para o filme *hormônio* do cineasta Lael Rodrigues. (ARAUJO, 2001p.76)

Maior Abandonado o terceiro LP da banda, com direito a disco de Ouro.

Seria a última vez que a primeira formação do Barão registraria em disco o seu trabalho tão revolucionário na cena musical do

Brasil. Cazuzza partiria para carreira solo, numa separação que oficializou no dia em que Maior Abandonado recebeu um disco de ouro, o primeiro da curta história de Cazuzza e Barão Vermelho. (ARAUJO, 2001p.76)

Conta que se referiam a banda como Cazuzza e Barão Vermelho, e que Cazuzza estava cansado de seguir regras da banda, de limitar seu trabalho de composição ao estilo do grupo, e mais ainda de suportar dividir, pois desde pequeno sempre foi dono do seu território. Cazuzza apresentava uma grande dificuldade em compartilhar. Além do mais, suas loucuras e bebedeiras passaram a incomodar seus companheiros. Para suportar a idéia de tomar uma decisão e largar a banda, Cazuzza bebia e se drogava fazendo com que a situação ficasse incontrolável.

Eu sou muito diferente do pessoal do Barão. Sou mais velho, mais louco, mais boêmio: eles são mais saudáveis, acordam cedo, não fazem loucuras. (..) Eu tenho um ego muito grande, não conseguiria dividir um palco ou um disco. (CAZUZZA, 2010 p.361)

Araujo conta que no dia anterior para renovação do contrato do Barão e marcar datas para gravação de um quarto disco, Cazuzza confessou a Ezequiel Neves que estava fora da banda. Ezequiel exigiu que ele fosse pessoalmente e reunido e avisasse a todos sua decisão.

Saíram juntos para reunião da Som Livre e ali Cazuzza disse a todos que estava pensando seriamente em seguir carreira solo. Ali mesmo se decidiu dividir o repertório e todos deixaram a reunião e saíram contratados pela Som Livre - Cazuzza de um lado e Barão Vermelho de outro. (ARAUJO, 2010 p.190)

Foi em 1985, como relembra Araujo, que veio a primeira suspeita da doença, pois Cazuzza apresentava febres, convulsões vômitos e foi internado durante 11 dias. Pediu para o médico fazer o teste de HIV, que de primeiro momento deu negativo, sendo revelado o diagnóstico de mononucleose, mas posteriormente retificado para uma infecção bacteriana causada por um vírus.

Pela primeira vez, a palavra AIDS foi pronunciada entre nós. Com o resultado do teste nas mãos afastei a terrível, e até então remota, possibilidade de Cazuzza estar com problema de saúde mais sério do que eu queria acreditar. (...). (ARAUJO, 2010 p.192)

Nas semanas que se seguiram após sua internação Araujo lembra que Cazuzza chegou a dizer a Ezequiel que pressentia saber que iria morrer de AIDS.

Quando li pela primeira vez um artigo falando da doença, pensei que era aquilo que eu tinha. Comecei a ter febre nos fins de tarde, mas não contava para ninguém. Tomava duas aspirinas e ia pro bar beber. (...) (CAZUZA, 2010 p.394)

A eterna briga entre o bem e mal. Meu filho viveu nessa balança por toda sua vida. Certamente, pela coragem e fé que demonstrou em todo período de seu martírio, Cazuzza não queria ficar doente, mas viver a beira do abismo era uma terrível tentação. Embora Ezequiel estivesse notado que em sua resistência a bebida e as drogas já não era a mesma de antes, a cada noite um turbilhão de sentimentos rondava o comportamento de Cazuzza. (ARAUJO, 2010 p.195)

Cazuzza teve uma matéria publicada pela revista Veja, como lembra sua mãe, com especulações sobre seu verdadeiro estado de saúde, mesmo após ter negado, a revista publicou uma matéria com sua foto no hospital. Em janeiro de 1986 negou novamente em entrevista para jornalista Mônica Figueiredo.

Em primeiro lugar, não agüento mais ouvir falar nesse assunto. Uma chatice eu acho o seguinte: todo mundo, hoje em dia, que tem febre e dor de cabeça já acha que está com aids. O bombardeio de informações é enorme, ok, tem que falar, é claro. Mas aí a paranóia é enorme também. Você quer saber mesmo o que eu acho? Eu tive uma "baronite" aguda. A aids é um complô contra a sacanagem e eu não admito abandonar a sacanagem, em hipótese alguma. Isso é coisa do Papa e do Reagan contra a sacanagem. Mas passarinho que come pedra sabe, não é? Eu não vou ter aids. (CAZUZA, 2010 p.195 p.4)

Em novembro de 1985 foi lançando o primeiro disco solo, com o título de *Exagerado*, devido à canção *Exagerado* em parceria com Ezequiel Neves e Leoni. Cazuzza relata que estava se sentindo um estreante com esse álbum, com direito a todas as angústias, achando elas ótimas. Para ele, a carreira solo viria com mais responsabilidade.

Neste disco quis fazer homenagens a poetas que gosto, e o trabalho resultou diferente. Existe uma música bem romântica, inspirada numa separação, mas não é dor de cotovelo. Tem músicas desesperadas, mas o desespero, no caso é mais universal. Não é aquela coisa de dor a dois. (CAZUZA, 2001 p.112)

Seu primeiro show solo como relembra Araujo aconteceu em 17 de janeiro de 1986 no Morro da Urca, e logo após o lançamento do seu álbum Exagerado, devido a umas mudanças na Som Livre Cazuza estava decidido a mudar de gravadora. De acordo com sua mãe:

Gostava de dizer que estava em "leilão", queria ver quem dava melhores condições para o seu trabalho e seu pai é quem deveria decidir. Finalmente a Polygram foi escolhida e, por essa gravadora, saiu o segundo disco solo de Cazuza, *Só Se For a Dois*. A fita já estava pronta, a Polygram só prensou e distribuiu. O disco foi produzido por Ezequiel Neves e Jorge Guimarães". (ARAUJO, 2010 p.205)

Seu segundo disco saiu em março de 1987 e levava o nome *Só Se For a Dois*.

Sinto que esse disco é bem melhor do que o primeiro. Um disco de banda, uma coisa ensaiada junto. O grande barato dele é esse. É um trabalho mais reflexivo mais intimista. E tem um lado deboche. O heavy metal é brincadeira, foi todo feito no estúdio. Na verdade, Exagerado já era um deboche, só que virei o Exagerado. Eu passava na rua e as crianças diziam: "mamãe, olha lá o Exagerado. (CAZUZA, 2001 p.139)

Sempre fiz letras muito românticas, mas esse disco é marcado assim pela musicalidade romântica. Ele é voltado para balada, com menos rock e mais canção suave. Acho até que estou cantando com voz mais suave, menos gritada. Nos últimos tempos tenho me preocupado em trabalhar melhor a minha voz. Tenho sido mais cuidadoso com as notas, e isso esta contribuindo para o meu amadurecimento. Esse disco me permitiu usar uma coisa não rock'n'roll. Tenho esse lado de cantor de churrascaria. (CAZUZA, 2001 p.139)

Não tenho vergonha de ser triste. Eu tenho esse lado moleque, mas também tenho o lado 'sentado à beira do caminho soltando bolha de sabão'. Mas de um tempo pra cá, me cansei de temas românticos. Esse disco é muito romântico (*Só se for a dois*), é de uma fase até meio triste, mas acho que foi uma fase valida. O que aconteceu é que nas minhas letras eu tento debochar da dor, porque o rock abre essa possibilidade. (CAZUZA p.370 p.6)

Antes da estréia do show desse disco Cazuza alertou sua mãe para sua saúde, Araujo relembra que ele reclamou de não estar se sentido bem chegando a fazer uma consulta e um exame específico, sendo recomendado que maneirasse. Conta que disse que não iria manear, pois era uma virose boba e se curaria logo. Foi chamada as vésperas da estréia pelo médico que

precisava conversar com ela e João. O resultado do exame que Cazuzza havia realizado estava pronto.

Quando o doutor Issa pronunciou as palavras que mudariam nossas vidas para sempre, eu e meu marido sentimos o mesmo impacto, talvez compatível à bala de um canhão arrebatando nossas entranhas. (ARAUJO, 2010 p.208)

Relata que o doutor disse “seu filho foi tocado pela AIDS”, e que ficou atormentada, não querendo entender o real significado, pediu que ele mesmo desse a notícia a Cazuzza, pois seu filho jamais a perdoaria por ela e João ficarem sabendo antes.

Cazuzza relutou muito em ir conversar com o médico. Estava ensaiando o show e parecia ter um grave pressentimento. Tentei estimulá-lo, argumentando que o resultado do teste seria negativo e que, aí sim, ele faria o show tranquilo, longe das preocupações. (NEVES, 2010 p.209)

Só após três dias, como conta Araujo, Cazuzza resolveu procurar o médico, Ezequiel ficou aguardando na sala de espera. Não demorou muito saiu da sala dizendo que estava doente.

Cazuzza encontrou a força e o apoio para não parar a história naquela encruzilhada em que a vida nos estacionou. O tempo não para. E era urgente viver. Depois que a turnê do show Só Se For a Dois acabou, embarcamos para nossa primeira viagem a Boston, Estados Unidos. Ezequiel Neves foi conosco. Estávamos no fim de maio de 1987. (ARAUJO, 2010 p.213)

Criamos uma expectativa muito grande quanto a esses primeiros exames em Boston. Mas o resultado não deixava porta aberta para a possibilidade de erro: os testes haviam passado por 15 laboratórios. Em 1987, nem mesmo nos Estados Unidos e nem mesmo a maior autoridade do assunto, o doutor Sheldon Wollff, tinham a menor idéia do que era essa doença. Só para se ter uma idéia, as primeiras recomendações foram no sentido de não comer no mesmo prato que o doente, não usar as mesmas roupas, não beijar. Todos seus objetos de uso pessoal deveriam ser esterilizados. Eles realmente não tinham conhecimento do assunto, ainda. (CAZUZA, 2010 p.218)

Araujo relata que foi apenas com a certeza de que o organismo de Cazuzza estava debilitado, já que o vírus destruía suas defesas e ainda não existia medicação capaz de controlar seu avanço, que ele retornou ao Brasil. No dia 6 de outubro de 1987 Cazuzza foi internado às pressas na clínica São Vicente. Foram 18 dias internação, Cazuzza e Frejat trabalhavam todas as

tardes em uma nova canção. A febre de Cazuzza não baixava com nenhum antibiótico disponível no Brasil, de modo que foi aconselhado que levassem Cazuzza para os Estados Unidos, onde poderia receber um tratamento adequado, embarcando em 24 de outubro do mesmo ano.

Lembra que no leito do seu quarto de hospital Cazuzza não conseguia suportar os efeitos colaterais de um medicamento, sendo necessário transferi-lo para o Centro de Terapia Intensiva, permanecendo 11 dias entre a vida e a morte. Fez de tudo para permanecer ao lado do filho driblando os impedimentos e a rigidez americana.

(...) Conectado a mundo pelos tubos de respiração e medicamentos, Cazuzza perdeu a noção do dia e da noite. Com a respiração difícil, seus instintos eram de arrancar os tubos. Também delirava. Muitas vezes, cantou uma canção desconhecida para mim: "ideologia eu quero uma pra viver. (...)" (ARAUJO, 2010 p.226)

Sendo indicado um novo medicamento, o AZT, o qual o próprio Cazuzza assinou a autorização, tomando duas vezes por dia o medicamento. Superou a crise, o remédio funcionou, após 24 horas deixou o Centro de Terapia Intensiva. Retornaram ao Brasil em dezembro de 1987, e graças à melhora que o AZT proporcionou ao Cazuzza no início tratamento esse obteve energias para continuar a escrever e cantar. Assim entre janeiro e fevereiro de 1988 foi gravado o terceiro disco solo de Cazuzza: *Ideologia*.

E Cazuzza fez um disco estupendo, a pressa começava, embora timidamente, a se manifestar em seus ímpetos criativos, seus desejos inconsciente de escrever e escrever, criar versos para o infinito, criar lições de vida para a eternidade da juventude de seu país. (...)" (ARAUJO, 2010 p.164)

Esse disco era pra ser gravado no dia 15 de outubro, mas aí tive uma ziguezura, fui internado nos Estados Unidos e só voltei em dezembro. Mas, então, minha vida era outra. Escrevi várias letras nos Estados Unidos, e depois que cheguei aqui, aprontava duas músicas por semana, antes de entrar em estúdio. Tenho feito coisas diferentes, músicas românticas também, mas do meu jeito. Eu tinha umas quatro composições prontas antes de viajar. Mas, do projeto inicial, só mantive o título: *Ideologia*. (CAZUZA, 2001 p.165)

Antes eu me sentia cronista da minha tribo, muito reduzida por ser a tribo dos boêmios. Agora minha temática se tornou mais abrangente. Não que eu não me considero cronista da minha

tribo, mas é que a minha tribo aumentou. (CAZUZA, 2010 p.376)

Seu álbum *Ideologia*, de acordo com Araujo, estreou no pequeno palco do Aeroanta em São Paulo no dia 17 de agosto de 1988.

Acabada a temporada no Aeroanta, o show *Ideologia* seguiu em turnê por todo Brasil. O disco já registrara uma marca de 500 mil cópias vendidas, o show era um grande sucesso de bilheteria. Mas a ação do AZT, associada à vida de bebidas e drogas que ele insistia em continuar levando, perturbou meu filho a ponto dele passar a provocar situações incontroláveis. Embora em cada cidade a produção providenciasse uma ambulância para dar plantão nos locais de show, o mais difícil era dominar o gênio de Cazuzza. Ele chegou a declarar que, por não acreditar em vida após a morte, queria viver todo o possível, chegar às últimas conseqüências. Às vezes, dizia estar acometido pela síndrome do doente terminal. Outras, que havia tomado o soro da verdade. Nessas horas ninguém controlava sua língua ferina, seus comentários de fria crueldade (...). (ARAUJO, 2010 p.242)

Em seus relatos Cazuzza mostra um pouco do sofrimento e de angústias que se passava em sua cabeça.

A morte é um triangulo de luz, é uma paz como se fosse um gozo, como se fosse um choque de heroína. Uma coisa é certa: morrer não dói. Eu estive perto dela é prazeroso, não dói. (CAZUZA, 2010 p.385)

"Esse negocio da AIDS foi um freio. O prazer passou a ser um risco de vida. (...)" (CAZUZA, 2010 p.384)

Araujo conta que nos dia 14, 15 e 16 de outubro de 1988, durante a segunda temporada do show *Ideologia*, foi gravado ao vivo o disco *O Tempo Não Para*.

(...) Numa dessas noites, uma de minhas sobrinhas jogou uma bandeira do Brasil no placo. Cazuzza olhou enviesado para a bandeira e cuspiu em cima. Embora tivesse visto que foi sua prima quem atirou a bandeira, nunca a denunciou. Costumava a dizer que um ufanista havia cometido um gesto tresloucado. (...). (ARAUJO, 2010 p.243)

Cazuzza se manifestou dizendo que:

Esta havendo uma polêmica, um escândalo, como dia o JB de terça feira, 18 de outubro, com o fato de eu ter cuspidido na bandeira brasileira durante a música *Brasil*, no meu show de domingo do Canecão. Eu realmente cuspi na bandeira, e duas vezes. Não me arrependo. Sabia muito bem o que eu estava

fazendo, depois que um ufanista me jogou a bandeira da platéia.

O Senhor Humberto Saad declarou que eu não entendo o que é a bandeira brasileira, que ela não simboliza o poder, mas a nossa história. Tudo bem, eu cuspo nessa história triste e patética.

Os jovens americanos queimavam sua bandeira e protesto contra a guerra do Vietnã, queimavam a bandeira de um país onde todos têm as mesmas oportunidades, onde não há impunidade e um presidente é deposto pelo 'simples' fato de ter escondido alguma coisa do povo. Será que as pessoas não têm consciência que o Vietnã é logo ali, na Amazônia, que as crianças índias são bombardeadas e assassinadas com os mesmos olhos puxados? Que a África do Sul é aqui, nesse apartheid disfarçado em democracia, onde mais de cinquenta milhões de pessoas vivem à margem da Ordem e Progresso, analfabetos e famintos? Eu sei muito bem o que é bandeira do Brasil, me enrolei nela no Rock'n'Rio junto com a multidão que acreditava que esse país podia realmente mudar. A bandeira do país é o símbolo da nacionalidade para um povo. Vamos amá-la e respeitá-la no dia em que o que está escrito nela for uma realidade. Por enquanto, estamos esperando. (CAZUZA, 2010 p.246)

Brasil precisa de muita força de seu povo. O único país da América latina que está de cabeça erguida é Cuba, que fez uma revolução contra um poder enorme. A gente tá muito de cabeça baixa... FMI, o brasileiro que em N.Y. fica querendo falar inglês bem porque lá é a capital do mundo; não tem nada disso, a gente tem que ter orgulho de ser brasileiro, sul-americano, ter brilho nos olhos. (CAZUZA, 2010 p.366)

Sempre mostrou sua opinião e sua crítica frente a determinadas situações do país:

Os problemas do Brasil parecem ser o mesmo desde o descobrimento. A renda concentrada a maior parte da população sem acesso a nada. A classe média paga o ônus de morar num país miserável. Coisas que parecem que vão continuar sempre. Nós até teríamos saída, pois nossa estrutura industrial até permitiria isso. O problema do Brasil é a classe dominante, mais nada. Os políticos são desonestos. A mentalidade do brasileiro é muito individualista: adora levar vantagem em tudo. (CAZUZA, 2010 p.372)

Como relata Araujo, durante todo ano de 1988 fizeram oito viagens a Boston para os exames de Cazuzza e em nenhum deles foi preciso interná-lo, e ao encerrar o ano de 1988, exatamente no dia 6 de dezembro, Cazuzza aceitou o convite de Marília Gabriela para uma entrevista no programa Cara a Cara, da TV Bandeirantes. Diante da inevitável pergunta sobre a doença, ele relutou,

disfarçou e não respondeu. Comentou o grave problema pulmonar que havia sofrido e mudou de assunto. Nesta fase, nem ela nem o marido queriam de jeito nenhum que Cazuzza declarasse oficialmente que estava contaminado pelo vírus da AIDS. Com a intenção de protegê-lo do preconceito, das injustiças e da pena. Só veio a revelar sobre doença posteriormente em uma entrevista com Zeca Camargo na época repórter da Folha de São Paulo.

No ano seguinte, como relembra Araujo, Cazuzza viveu altos e baixos. O medicamento AZT comprometia cada vez mais seu comportamento. Seu pai conta que a dosagem era brutal levando Cazuzza a ficar completamente pirado, colocava um turbante na cabeça e dizia que era um príncipe árabe, e tirando fotografias durante o dia inteiro.

Gravou seu último álbum *Burguesia* Usava toda força que tinha para compor como ele mesmo relembra:

É a minha criatividade que me mantém vivo. Meu medico diz que eu sou um milagre porque tenho tanta energia, tanta vontade de viver, tanta vontade de criar que é isso que me deixa vivo. Minha cabeça esta muito boa ela comanda tudo. (CAZUZA, 2010 p.281)

Nunca estive tão ruim em minha vida. Um dia o suicídio passou pela minha cabeça. Rapidamente. Queria tomar alguma coisa para desmaiar. Não sentia prazer em estar vivo. Nunca entendi o suicida. Achava uma covardia. Aí eu entendi. (CAZUZA, 2010 p.238)

Dei a volta por cima da morte. Isso me deu uma fé muito grande, A doença é metade corpo metade carma. Sai da doença com o corpo fraco e cabeça forte. (CAZUZA, 2010 p.376)

Dizia que não estava correndo atrás da morte, mas da vida, que antes vivia uma vida desregrada, sem nunca ir ao medico "dessa vez Jesus me chamou, mas não fui disse que era cedo demais". Se sentia livre sem medo de morrer, já tinha visto a cara da morte e saído vivo. Não queria morrer, mas também não queria sofrer.

Seu ultimo mês de vida, como relata Araujo, foram de altos e baixos com a saúde oscilando, um dia estava bem, o outro mais ou menos. Recusava-se a achar que a morte de Cazuzza estava próxima. O artista faleceu no dia 7 de julho 1990

5. ANÁLISE

A presente discussão parte do pressuposto de Ciampa (1994), que propõe a identidade como um processo contínuo, metamorfofísico, sendo o indivíduo ativo e transformador e que, embora seja uma totalidade, irá se manifestar como parte de sua existência, um desdobramento das múltiplas determinações, mas é este que comparece frente aos outros com todas as determinações que o fazem um indivíduo concreto.

Assim, segundo o autor a identidade assume a forma de personagem sendo essa a articulação desses vários personagens, representada por indivíduos que, ao mesmo tempo, escrevem e encenam suas histórias ao interpretarem papéis sociais.

Desta feita apresentarei características da identidade do Cazuzas, ou seja, a manifestação de alguns personagens como eles se relacionam num contínuo processo de metamorfose.

Comentarei sobre alguns Cazuzas, características desses personagens que foram identificados em algumas de suas canções.

“A cada personagem materializado, a identidade tem assegurada sua manifestação enquanto totalidade, mas uma totalidade que não se esgota nem tampouco se resume a concretização de personagens. As personagens são partes constitutivas da identidade e, ao mesmo tempo, configura-se como um todo que se cria a si mesmo, enquanto fenômeno de uma totalidade concreta. A identidade é ainda um universo de personagens já existentes e de outros ainda possíveis”.
(LAURENTI & BARROS, 2000)

Constam nas letras do início de sua carreira, ainda quando fazia parte do grupo Barão Vermelho característica de um personagem que vive a noite sente tudo com muita intensidade, liberdade, boêmio, tem toda uma questão de sexo drogas e rock'n' roll e do exagero.

Na música *Down Em Mim* 1982, uma canção inspirada na música *Down On Me* da Janis Joplin

“Eu não sei o que meu corpo abriga

*Nestas noites quentes de verão
E nem me importam que mil raios partam
Qualquer sentido vago de razão”.*

A letra mostra uma perda de sentido, que vai se expressando via sofrimento, como se o sentido já não estivesse presente e não importa nada, nem uma mera razão.

*“Eu ando tão down
Eu ando tão down
Outra vez vou te cantar, vou te gritar
Te rebocar do bar
E as paredes do meu quarto vão assistir comigo
A versão nova de uma velha historia
E quando o sol vier socar a minha cara
Com certeza você já foi embora”.*

Na mesma música em que o personagem parece sofrer intensamente, como se quisesse sofrer e não esta se importando de sofrer, parece cansar de sofrer, se contradizendo e não querendo ser mais o sofrer intensamente desesperado.

*“Outra vez vou me esquecer
Pois nessas horas pega mal sofrer
Da privada eu vou dar com a minha cara
De panaca pintada no espelho”*

Aparece o sofrimento, de uma forma exagerada, percebe-se também que à medida que esta sofrendo, parece não querer sofrer, pois pega mal.

Como foi possível observar a partir do levantamento da vida do artista, Cazuzza desde pequeno era fã da MPB que, como ele mesmo relembra, viviam em sua casa. Ao ficar mais velho passou a curtir o rock, pois foi lá que encontrou sua turma e lá que iria ser aceito. “Quando comecei a compor acabei misturando tudo do menino passarinho com vontade de voar a Janis Joplin. Mas com uma diferença, a dor-de-cotovelo da MPB, mas dando a volta por cima” (CAZUZA, 2010 p.361).

Por ter sido inspirada numa canção da Janis⁶, acredito que tenha a letra retrata essa sua identificação com a noite, a criatividade, e a essa vivência no meio artístico, Cazuzza sempre foi adepto da noite, e desde pequeno acompanhava os artistas, como ele mesmo falava que queria ser igual, bastante identificado. Esse personagem sente tudo com muita intensidade, exageradamente, tanto que a letra expressa o sofrimento intenso, à medida que clama por tudo, já não clama mais por nada, está sofrendo, mas depois não está mais. Dizia que tinha vários lados ‘O lado escuro, é um lado muito forte, porque sou muito boêmio, vivo muito de noite. “Gosto muito da noite, acho que ela é um espaço, um território livre para tudo (...) a noite é muito dramática, muito bonita. As pessoas que saem à noite procuram algo que não vão encontrar, mas elas curtem a procura daquele papo furado, a noite é insatisfatória”. (CAZUZA, 2010 p.373)

Ainda sobre algumas características desse personagem identificado com o mundo artístico e os mistérios da noite notamos na seguinte letra:

*“Rock’n geral é a até mais tarde
Sem hora marcada
Armando assim um carnaval full time”*

Aparecem características de um personagem que vive intensamente à noite a procura de prazer. Esse lado de curtição, sexo, drogas e rock’n’roll, apesar de não explicitar diretamente nas letras, se faz a entender que se da nesse contexto. Para ele “A noite é uma opção de vida”(CAZUZA)

*“Rock’n geral é apaixonado
Neném sem pecado querendo mamar
Hey, mama can’t you hear me cry?
Ei mãe, não tá me ouvindo chorar?
Mamãe eu quero mamar!”*

Terminando a música com “mamãe eu quero mamar, fazendo referência

⁶ Janis Joplin foi uma cantora, norte americana, considerada rainha do rock’n’roll dos anos 60 e a maior cantora de blues e soul de sua geração, canções marcadas pela sua voz “rasgada”. Morreu em 1970 aos 27 anos devido a uma overdose de heroína.

a uma música de carnaval. O Carnaval é um momento onde as pessoas estão mais soltas, buscam um prazer intenso, se entregam com maior facilidade. O rock para Cazuza é essa idéia de um carnaval “full time”.

Em 1984 com a música *Maior Abandonado* que faz parte do terceiro disco do Barão Vermelho.

*“Migalhas dormidas do teu pão
Raspas e restos
Me interessam
Pequenas poções de ilusão
Mentiras sinceras me interessam”*

O personagem procura um amor a partir de suas carências que cria uma ilusão e se mostra contraditório. Pois está tão carente desesperado que qualquer amor naquele momento é o amor de sua vida, querendo migalhas e restos, aceitando qualquer coisa.

*“Só um pouquinho
De proteção
Ao maior abandonado”*

Manifesta aqui que se vê carente e pede excessivamente por um amor querendo não só a mão, mas também o braço, ele sabe que é apenas ilusão devido à carência, que aceita mentiras sinceras, raspas e restos, e o corpo com amor ou não.

A letra se faz contraditória, pois no presente momento que a carência faz ele querer tudo para se sentir protegido e para suprir uma necessidade, mas a ilusão faz saber que não vai ter nada.

“O disco maior abandonado tem toda uma temática de vida boemia e fossa” (CAZUZA, 2010 p.352) Acredito que se refere a essa procura de algo que não vai encontrar. É a insatisfação que leva a ilusão achar que aquilo satisfaz.

Vemos então que com essa musica o personagem apresenta agora uma característica contraditória. Observa-se também na canção *Faz Parte Do Meu*

Show:

*“Te pego na escola
E encho a tua bola
Com todo meu amor”*

Faz parte do show de Cazuza, te pegar na escola e encher a tua bola com todo seu amor, mas também faz parte de seu show, confundir as tuas coxas com as de outras moças, e te mostrar toda dor.

*“Confundo a tuas coxas
Com as de outras moças
Te mostro toda dor”*

Outro ponto contraditório que aparece nas letras de suas músicas, mas nem ele se entende, pois: é tudo um filme sem sentido.

*“Vivo num clipe sem nexo
Um pierrot-retrocesso
Meio bossa-nova e rock'n'roll”*

Ele é essa mistura de elementos e personagens que vão compondo sua identidade. Pierrot é uma mistura de palhaço, apaixonado, triste, ingênuo, lunático e distante da realidade. Assim vemos seus diversos lados, o rock e a bossa nova, o romantismo, e a agressividade. O lado que mostra o amor, mas também tem o lado que causa dor.

*“Vago na lua deserta
Das pedras do arpoador
Digo “alo” ao inimigo
Encontro um abrigo
No peito do meu traidor”*

Nessa estrofe aparece o personagem fantasioso e com certa ingenuidade.

Essa música parte da trilha sonora da novela "Vale Tudo" exibida pela Rede Globo em 1988.

Como parte do seu terceiro disco solo *Ideologia*, disco que devido à saúde do artista teve sua gravação adiada, fazendo com que do projeto inicial Cazuzza mantivesse apenas o título. Na música *Brasil*, que compõe seu álbum *Ideologia*, a letra da música foi escrita sob encomenda para um filme de Leal Rodrigues que abordaria escândalos financeiros e impunidade.

Aborda sua crítica frente ao país, a questões econômicas e políticas, fazendo referência aos problemas do país como renda concentrada, grande parte da população sem acesso a nada e sem assistência, políticos corruptos. Refere-se à classe dominante como o problema do país.

Apesar de se identificar com a classe dominante ao afirmar que “sou burguês, mas sou artista estou do lado do povo” manifesta também uma forte crítica e se posiciona em oposição a esta.

Observa-se então um personagem que se diferencia da sua própria condição que é dada, a partir da significação social em sentido pessoal. De modo que a igualdade é expressa na história social, compartilhada pela família, condições econômicas e culturais. E a diferença compreendida como constituição da singularidade por meio da concretização de personagens.

Ciampa compreende que a construção da identidade, por meio da dinâmica que envolve os processos biológicos, a consciência, a atividade do indivíduo e as relações entre estes e os grupos. Sempre em uma constância, envolvendo relações de oposição e composição, subjetividade e coletividade. Ao notar características de personagens vemos a articulação entre eles, de modo que a identidade como propõe o autor é essa articulação. Fazendo presente uma transformação por meio das relações, sendo o indivíduo influenciado e influenciador do ambiente. Em meio às relações, temos as experiências que se relacionam entre passado presente futuro, sendo no presente o que foi no passado e no futuro vai ser o que esta sendo no presente.

Escrita em 1987, hoje em 2014, vemos o futuro repetindo o passado.

“Não me convidaram

Pra essa festa pobre

*Que os homens armaram pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada antes de nascer”*

Os problemas do país se fazem presentes há muito tempo, e nada parece mudar, como se esses fossem sempre os mesmos.

*“Brasil
Mostra a sua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil
Qual o teu negocio
O nome do teu sócio?
Confia em mim”*

Um hino contra toda essa tolerância dos indivíduos retratando o contexto social de nosso país que vem se repetindo antes mesmo dele nascer.

Compondo esse mesmo álbum temos a canção *Ideologia*, escrita por Cazuzza já doente, após ser internado já algumas vezes, nota-se um personagem que se apresenta a procura de um novo sentido. O próprio artista relata que a letra foi escrita criticando uma geração sem ideologia, e sobre como se encontrava naquele momento atual. A partir do levantamento de sua vida nesse momento que estava vivenciando, em meio ao tratamento, internação, UTI como sua mãe conta “Foram 11 dias entre a vida e a morte”. Mas ele dizia que tinha dado a volta por cima da morte. A letra retrata essa procura de um novo sentido para viver. Cazuzza sempre levou a vida na noite, agora parece que precisa encontrar outras fontes de prazer, pois não pode mais ser o Cazuzza boêmio da noite. “Esse negócio de AIDS foi um freio, o prazer passou a ser risco de vida” (CAZUZA, 2010 p.384).

*“Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas*

*Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito”*

O personagem que se apresenta busca um novo sentido, pois suas ilusões estão todas perdidas, assim como seus sonhos.

*“O meu prazer
Agora é risco de vida
Meu sex and drugs não tem nenhum rock’n’roll
Eu vou pagar a conta do analista
Pra nunca mais ter que saber quem eu sou
Pois aquele garoto que ia mudar o mundo
Agora assiste a tudo em cima do muro”*

Em cima do muro possivelmente era assim que ele se sentia, pois quais são suas possibilidades? Se seus prazeres se tornaram risco de vida? Tudo aquilo que acreditava, e a forma como levava sua vida, poderiam mais que nunca o tirar sua vida. Cazuzza possivelmente estava na sua própria busca de uma ideologia buscando algo que fizesse algum mero sentido, clamando por uma ideologia pra si.

*“Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver”*

O personagem apresenta-se mais reflexivo e sensibilizado, e na busca de respostas com a letra de *O Tempo Não Para*, também percebe-se esse aspecto. Nessa canção ao todo tempo há uma ênfase no tempo, onde esse não pode parar, apesar de estar parado, pois o futuro parece algo distante de sua realidade, pois os dias são de par em par, sem uma data pra comemorar, procurando agulhas no palheiro.

Em paralelo, era esse o drama de sua vida, os dias estavam sofridos devido ao desgaste da doença, eram diversas internações e medicamentos, e suas forças iam se esgotando aos poucos.

“Cansado de correr

Na direção contaria

Sem pódio de chegada ou beijo de namorada

Eu sou mais um cara”

Parece que nesse momento tudo aquilo que vivenciou anteriormente não o levou a nada concreto, é o futuro que repete o passado, "um museu de grandes novidades".

“Eu não tenho data pra comemorar

As vezes os meus dias são de par em par

Procurando agulhas no palheiro”

Mas mesmo assim o tempo não vai parar, é preciso continuar.

“O tempo não para

Não para,não para”

Apresentam-se, nessa canção características um pouco contraditórias, pois apesar de não haver data pra comemora, os dias se dando de par em par e a vida tem que continuar. Apesar de o futuro estar repetindo o passado e não haver muita esperança. Criando um sentido novo para sua vida, onde apesar dos apesares ele está vivendo.

A partir das presentes características apresentadas sobre os personagens foi possível observar como eles se relacionam num processo de transformação constante, ou seja, de metamorfose. Sendo essas características notadas em momentos diferentes de sua vida.

No início de sua carreira vemos um personagem com características boêmias, identificado a noite, é sofredor, é exagerado. Posteriormente aparecem características mais contraditórias, se identifica com mais elementos, é romântico mais também apresenta agressividade, causa amor e gera dor. Também identificado com a noite e vida boêmia. Vemos também um personagem crítico a realidade, que expressa seu descontentamento em canção dando voz a um povo e uma nação. Posteriormente aparece um Cazuzza mais reflexivo e esperançoso na busca de um sentido para continuar sua jornada. Todos esses aspectos iram compor a identidade como um todo, por

meio dessa transformação de personagens que se manifestam como desdobramento da identidade do artista.

.

6.CONCLUSÃO

Através desse trabalho foi possível observar os diversos desdobramentos do artista, que se manifestavam, nas diferentes relações sociais em estava inserido, por meio de cada posição que o determinava como indivíduo. A identidade como uma categoria de análise se mostrou eficaz como referencial teórico para submeter o objeto de estudo a uma análise.

O primeiro personagem é o Cazuzza boêmio, que vive na noite, é intenso, sofredor e exagerado, identificado pelas relações sociais que o cercavam. Ciampa (1994) diz que o conhecimento é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de determinado grupo social, através das relações estabelecem os membros entre si e com o meio onde vivem pelo agir.

Posteriormente começa aparecer como característica a contradição, o personagem que quer tudo, mais também não quer nada, ora lá, ora cá, boêmio, identificado com a noite, uma mistura de diferentes elementos, romântico, agressivo. Gera amor e dor. O artista agia assim, explodia em meio às emoções e cuspiam palavras que machucavam. Mas depois aparecia com seu lado sedutor e suas palavras doces.

É uma mistura de diferentes elementos, essa multiplicidade de manifestações. Vemos o Cazuzza mais crítico sobre a realidade social, e nosso país, manifestando isso de forma mais recorrente em suas canções. No início da década 80 o Brasil ainda vivia sobre a ditadura militar, as inflações estavam absurdas, a fim de alimentar a dívida externa do país. Nesse momento aparece um personagem que se diferencia da sua própria condição, através da significação social e sentido pessoal. Segundo o autor estudado, a igualdade é expressa na história social que determinados indivíduos compartilham. De modo, que a diferença é a singularidade dos indivíduos, onde, através das experiências, transformam significados em sentidos.

Vemos que a identidade como ressalta o autor, assume a forma e personagem que se articulam, se alterando, sucedendo e coexistindo. As características dos personagens se apresentam de formas diferentes, conforme o personagem se transforma. Do personagem que faz presente no início de sua carreira boêmio, urbano, sofredor, exagerado, identificado pelas relações sociais, se transforma para o Cazuzza que quer tudo, mas também não quer nada, ele é também contraditório, é exagerado, levando sua vida pelo meio que vive, é uma mistura de diversos elementos, é aquele que dá amor mais também causa a dor. Posteriormente aparece um Cazuzza mais reflexivo e esperançoso na busca de um sentido para continuar sua jornada. Durante a manifestação desse personagem aparece também o crítico contestador que dá a voz a todo um povo e uma nação. Se diferenciando e igualando. Boêmio, sofredor, de forma intensa, para o personagem que quer tudo, mas também não quer nada, onde também expressa essa intensidade, e o exagero. Para aquele que procura um novo sentido, é também intenso, reflexivo. As características que aparecem em um, também aparecem em outros. O boêmio, que vive a noite também se contradiz. O que causa amor mais também a dor também é boêmio e possui um olhar crítico frente à realidade.

Quando já está doente e fragilizado o personagem que se mostra parece buscar um novo sentido. Afinal não via mais tanto prazer na vida, pois estes agora eram seu risco de vida. Reflexivo e sensibilizado são essas características que se apresentam nas letras que foram observadas desse período. O que coincidia com o que vivenciava em sua vida, onde estava sofrendo e cansado. Tudo aquilo que já havia vivenciado, e a forma como levou sua vida não o levaria a algo concreto, pois seus dias estavam por se esgotarem.

Assim o desenvolvimento do personagem, em caminho a metamorfose, a transformação foi interceptado. Fazendo com que o personagem se reproduzisse como réplica de si mesmo, preso na mesmidade, como processo de reposição. De modo que nesse momento a identidade é apenas uma manifestação de um indivíduo idêntico a si mesmo. Que se transforma, sendo uma cópia do que já não esta mais sendo. Levado a essa situação devido à doença, impossibilitando de vir-a-ser.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cecília Pescatore. *Quem sou eu? O processo de identidade de uma jovem adolescente*. Taubaté: Cabral Editora Universitária (1997)

ARAUJO, Maria Lucia da Silva em depoimento a Regina Echeverria. *Cazuza: só as mães são felizes*. São Paulo: Globo (2010)

ARAUJO, Maria Lucia da Silva em depoimento a Regina Echeverria, *Preciso dizer que te amo, todas as letras do poeta*. São Paulo: Globo (2001)

CIAMPA, Antônio da Costa. *Identidade: Psicologia Social o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense (1994)

CIAMPA, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense (2005)

LANE, Silvia Tatiana Maurer. *A psicologia social e uma nova concepção de homem para psicologia: Psicologia social o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense (1994)

LAURENTI, Carolina e BARROS, Mari Nilza Ferrari. *Identidade: Questões conceituais e contextuais*. PSI -Revista de Psicologia Social e Institucional, Vol 2 n.01 Londrina jun/2000. Disponível:

<<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>> Acesso: 20/11/2014

SOUZA, Ana Maria Melo e Souza. *Ritual Identidade e Metamorfose, representações do KunumiPepy entre os índios Kaiowá da aldeia Panambizinho*. Dourados, MS (2009). Disponível:

<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp106473.pdf>> Acesso: 14/08/2014

ANEXOS

Índice de canções

Discografia

Índice de canções

Down em Mim	52
Rock'n' Geral	53
Maior Abandonado	54
Faz Parte Do Meu Show	55
Brasil	56
Ideologia	58
O Tempo Não Para	59

Down Em Mim

(Cazuza)

Letra tirada do livro: Preciso dizer que te amo: todas as letras do poeta, São Paulo 2001 Editora Globo.

Eu não sei o que o meu corpo abriga
Nestas noites quentes de verão
E nem me importa que mil raios partam
Qualquer sentido vago de razão
Eu ando tão down
Eu ando tão down

Outra vez vou te cantar, vou te gritar
Te rebocar do bar
E as paredes do meu quarto vão assistir comigo
À versão nova de uma velha história
E quando o sol vier socar minha cara
Com certeza você já foi embora
Eu ando tão down
Eu ando tão down

Outra vez vou te esquecer
Pois nestas horas pega mal sofrer
Da privada eu vou dar com a minha cara
De babaca pintada no espelho
E me lembrar, sorrindo, que o banheiro
É a igreja de todos os bêbados
Eu ando tão down
Eu ando tão down
Eu ando tão down
Down... down

Rock'n Geral

(Goffi/Cazuza)

Letra tirada do livro: Preciso dizer que te amo: todas as letras do poeta, São Paulo 2001 Editora Globo.

Rock'n geral é até mais tarde
Sem hora marcada
Armando assim um carnaval full time
Rock'n geral é bem alto
Pra se ouvir de qualquer nave
Ou de um coração meio surdo que não sabe amar

Rock'n geral é apaixonado
Neném sem pecado querendo mamar
Hei, mama, can'tyouhear me cry?
Hei, mama, can'tyouhear me cry?
Ei, mãe, não tá me ouvindo chorar?
Ei, mãe, não tá me ouvindo chorar?

Mamãe, eu quero mamar!
Mamãe, eu quero mamar!

Maior Abandonado

(Frejat/Cazuza)

Letra tirada do livro: Preciso dizer que te amo: todas as letras do poeta, São Paulo 2001 Editora Globo.

Eu tô perdido
Sem pai nem mãe
Bem na porta da tua casa
Eu tô pedindo
A tua mão
E um pouquinho do braço

Migalhas dormidas do teu pão
Raspas e restos
Me interessam
Pequenas porções de ilusão
Mentiras sinceras me interessam
Me interessam, me interessam

Eu tô pedindo
A tua mão
Me leve para qualquer lado
Só um pouquinho
De proteção
Ao maior abandonado

Teu corpo com amor ou não
Raspas e restos me interessam
Me ame como a um irmão
Mentiras sinceras me interessam
Me interessam

Faz Parte do Meu Show

(Ladeira/Cazuza)

Letra tirada do livro: Preciso dizer que te amo: todas as letras do poeta, São Paulo 2001 Editora Globo.

Te pego na escola e encho a tua bola
Com todo o meu amor
Te levo pra festa e testo o teu sexo
Com ar de professor

Faço promessas malucas
Tão curtas quanto um sonho bom
Se eu te escondo a verdade, baby
É pra te proteger da solidão

Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor

Confundo as tuas coxas
Com as de outras moças
Te mostro toda a dor
Te faço um filho
Te dou outra vida pra te mostrar quem sou

Vago na lua deserta
Das pedras do Arpoador
Digo 'alô' ao inimigo
Encontro um abrigo
No peito do meu traidor

Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor

Invento desculpas
Provoco uma briga
Digo que não estou
Vivo num clipe sem nexo
Um pierrô-retrocesso
Meio bossa nova e rock'nroll

Faz parte do meu show
Faz parte do meu show, meu amor

Brasil

(George Israel/Nilo Roméro/Cazuza)

Letra tirada do livro: Preciso dizer que te amo: todas as letras do poeta, São Paulo 2001 Editora Globo.

Não me convidaram
Pra esta festa pobre
Que os homens armaram pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada antes de eu nascer

Não me ofereceram
Nem um cigarro
Fiquei na porta estacionando os carros
Não me elegeram
Chefe de nada
O meu cartão de crédito é uma navalha

Brasil!
Mostra tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim

Não me convidaram
Pra essa festa pobre
Que os homens armaram pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada antes de eu nascer

Não me sortearam
A garota do Fantástico
Não me subornaram
Será que é o meu fim?
Ver TV a cores
Na taba de um índio
Programada prá só dizer "sim, sim"

Brasil!
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim

Brasil!
Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio?
Confia em mim

Grande pátria desimportante
Em nenhum instante
Eu vou te trair
(Não vou te trair)

Ideologia

(Frejat/Cazuza)

Letra tirada do livro: Preciso dizer que te amo: todas as letras do poeta, São Paulo 2001 Editora Globo.

Meu partido
É um coração partido
E as ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Frequenta agora as festas do "Grand Monde"

Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Eu quero uma pra viver

O meu prazer
Agora é risco de vida
Meu sex and drugs não tem nenhum rock 'n' roll
Eu vou pagar a conta do analista
Pra nunca mais ter que saber quem eu sou
Pois aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
Agora assiste a tudo em cima do muro

Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia
Eu quero uma pra viver
Ideologia
Eu quero uma pra viver

O Tempo Não Para

(Arnaldo Brandão/Cazuza)

Letra tirada do livro: Preciso dizer que te amo: todas as letras do poeta, São Paulo 2001 Editora Globo.

Disparo contra o sol
Sou forte, sou por acaso
Minha metralhadora cheia de mágoas
Eu sou um cara
Cansado de correr
Na direção contrária
Sem pódio de chegada ou beijo de namorada
Eu sou mais um cara

Mas se você achar
Que eu tô derrotado
Saiba que ainda estão rolando os dados
Porque o tempo, o tempo não pára

Dias sim, dias não
Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
Da caridade de quem me detesta

A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não pára

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não pára

Eu não tenho data pra comemorar
Às vezes os meus dias são de par em par
Procurando agulha num palheiro

Nas noites de frio é melhor nem nascer
Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer
E assim nos tornamos brasileiros
Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
Transformam o país inteiro num puteiro
Pois assim se ganha mais dinheiro

A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não pára

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não pára

DISCOGRAFIA

ALBUNS GRAVADOS POR CAZUZA E BARÃO VERMELHO

Barão vermelho (Som Livre, 1982)

- 1) Posando de Star (Cazuza)
- 2) Down em mim (Cazuza)
- 3) Conto de Fadas (Cazuza e Maurício Barros)
- 4) Billy Negão (Cazuza, Maurício Barros e Guto Goffi)
- 5) Certo Dia na Cidade (Cazuza, Maurício Barros e Guto Goffi)
- 6) Rock'n' Geral (Cazuza e Frejat)
- 7) Ponto Fraco (Cazuza e Frejat)
- 8) Por Aí (Cazuza e Frejat)
- 9) Todo Amor Que Houver Nessa Vida (Cazuza e Frejat)
- 10) Bilhetinho Azul (Cazuza e Frejat)

Barão vermelho 2 (Som Livre, 1983)

- 1) Intro (Maurício Barros)
- 2) Menina Mimada (Cazuza e Maurício Barros)
- 3) O Que a Gente Quiser (Frejat e NailaSkorpio)
- 4) Vem Comigo (Cazuza, Maurício Barros e Dé)
- 5) Bicho Humano (Cazuza e Frejat)
- 6) Largado no Mundo (Cazuza e Frejat)
- 7) Carne de Pescoço (Cazuza e Frejat)
- 8) Pro Dia Nascer Feliz (Cazuza e Frejat)
- 9) Manha sem Sonho (Cazuza e Dé)
- 10) Carente Profissional (Cazuza e Frejat)
- 11) Blues do Iniciante (Cazuza, Frejat, Maurício Barros, Dé e GuttoGoffi)

Tema do filme Bete Balanço (compacto Som Livre, 1984)

- 1) Bete Balanço (Cazuza e Frejat)
- 2) Amor, Amor (Cazuza, Frejat e George Israel)

Maior Abandonado (Som Livre, 1984)

- 1) Maior Abandonado (Cazuza e Frejat)
- 2) Baby Suporte (Cazuza, Maurício Barros, Pequinho e Ezequiel Neves)
- 3) Sem Vergonha (Cazuza e Frejat)
- 4) Você Parece com Todo Mundo (Cazuza e Frejat)
- 5) Milagres (Cazuza, Frejat e Denise Barroso)
- 6) Não Amo Ninguém (Cazuza, Frejat e Ezequiel Neves)
- 7) Por Que a Gente É Assim? (Cazuza, Frejat e Ezequiel Neves)

- 8) Narciso (Cazuza e Frejat)
- 9) Nós (Cazuza e Frejat)
- 10) Bete Balanço (Cazuza e Frejat)

PARTICIPAÇÕES DO BARÃO VERMELHO (COM CAZUZA EM PROJETOS ESPECIAIS)

Plunct, Plact, Zoom (Som Livre 1984)

- 1) Subproduto de Rock (Cazuza e Frejat)

TropClip (Trilha sonora do filme, 1985)

- 1) Eu queria ter uma bomba (Cazuza)

ALBUNS DA CARREIRA SOLO DE CAZUZA

Cazuza (Som Livre, 1985)

- 1) Exagerado (Cazuza, Ezequiel Neves e Leoni)
- 2) Medieval II (Cazuza e Rogério Meanda)
- 3) Cúmplice (Cazuza e Zé Luiz)
- 4) Mal Nenhum (Cazuza e Lobão)
- 5) Balada de um Vagabundo (Frejat e Waly Salomão)
- 6) Codinome Beija-Flor (Cazuza, Reinaldo Arias e Ezequiel Neves)
- 7) Desastre Mental (Cazuza e Renato Ladeira)
- 8) Boa Vida (Cazuza e Frejat)
- 9) Só as Mães São Felizes (Cazuza e Frejat)
- 10) Rock da Descerebração (Cazuza e Frejat)

Só se For a Dois (Polygram, 1987)

- 1) Só se For a Dois (Cazuza e Rogério Meanda)
- 2) Ritual (Cazuza, Frejat e Ezequiel Neves)
- 3) O Nosso Amor a Gente Inventa (Estória Romântica) (Cazuza, João Rebouças e Rogério Meanda)
- 4) Culpa de Estimação (Cazuza e Frejat)
- 5) Solidão que nada (Cazuza, George Israel e Nilo Roméro)
- 6) Completamente Blue (Cazuza, Rogério Meanda, Nilo Roméro e George Israel)
- 7) Vai à Luta (Cazuza e Rogério Meanda)
- 8) Quarta-Feira (Cazuza e Zé Luiz)
- 9) Heavy Love (Cazuza e Frejat)
- 10) O Lobo Mau da Ucrânia (Cazuza, Rogério Meanda, Nilo Roméro, João Rebouças e Ezequiel Neves)
- 11) Balada do Esplanada (Cazuza sobre o poema de Oswald de Andrade)

Ideologia (Polygram, 1988)

- 1) Ideologia (Cazuza e Frejat)
- 2) Boas Novas (Cazuza)
- 3) O Assassinato da Flor (Cazuza)
- 4) A Orelha de Eurídice (Cazuza)
- 5) Guerra Civil (Cazuza e Ritchie)
- 6) Brasil (Cazuza, George Israel e Nilo Roméro)
- 7) Um Trem para as Estrelas (Cazuza e Gilberto Gil)
- 8) Vida Fácil (Cazuza e Frejat)
- 9) Blues da Piedade (Cazuza e Frejat)
- 10) Obrigado (por Ter se Mandado) (Cazuza e Zé Luiz)
- 11) Minha Flor, Meu Bebê (Cazuza e Dé)
- 12) Faz Parte do Meu Show (Cazuza e Renato Ladeira)

O Tempo Não Para – Cazuza ao Vivo (Polygram, 1989)

- 1) Vida Louca Vida (Lobão e Bernardo Vilhena)
- 2) Boas Novas
- 3) Ideologia
- 4) Todo Amor Que Houver Nessa Vida
- 5) Codinome Beija-Flor
- 6) O Tempo Não Para (Cazuza e Arnaldo Brandão)
- 7) Só as Mães São Felizes
- 8) O Nosso Amor a Gente Inventa (Estória Romântica)
- 9) Exagerado
- 10) Faz Parte do Meu Show

Burguesia (Polygram, 1989)

- 1) Burguesia (Cazuza, George Israel e Ezequiel Neves)
- 2) Nabucodonosor (Cazuza e George Israel)
- 3) Tudo é Amor (Cazuza e Laura Finocchiaro)
- 4) Garota de bauru (Cazuza e João Rebouças)
- 5) Eu Agradeço (Cazuza, George Israel e Nilo Roméro)
- 6) Eu Quero Alguem (Cazuza e Renato Rocket)
- 7) Baby Lonest (Cazuza, Lobão e Leducha)
- 8) Como já Dizia Djavan (Cazuza e Frejat)
- 9) Perto do Fogo (Cazuza e Rita Lee)
- 10) Cobaias de Deus (Cazuza e Ângela RoRô)
- 11) Mulher sem Razão (Cazuza, Dé e Bebel Gilberto)
- 12) Quase um Segundo (Hebert Vianna)
- 13) Filho Único (Cazuza e João Rebouças)
- 14) Preconceito (Fernando Lobo e Antônio Maria)
- 15) Esse Cara (Caetano Veloso)
- 16) Azul e Amarelo (Cazuza, Lobão e Cartola)

- 17)Cartão Postal (Rita Lee e Paulo Coelho)
- 18)Manhatã (Cazuza e Leoni)
- 19)Bruma (Cazuza e Arnaldo Brandão)
- 20)Quando Eu Estiver Cantando (Cazuza e João Rebouças)